

Novo Sindicalismo, 40 anos depois

■ Marcos Jakoby*

Em 2018 completaram-se quarenta anos do que se convencionou chamar, tanto no movimento sindical quanto em meios acadêmicos, de *Novo Sindicalismo*.

Ressurgia, em 1978, no cenário nacional, um amplo movimento sindical que se caracterizaria como uma *novidade* no campo sindical e político, tanto em razão da adoção de práticas distintas, quanto por marcar um novo ciclo na história da classe trabalhadora e do país.

O movimento emergido em 1978 colocaria em cena uma nova classe trabalhadora, configurada no contexto da ditadura militar e ainda pouco experimentada na luta política e na luta de massas.

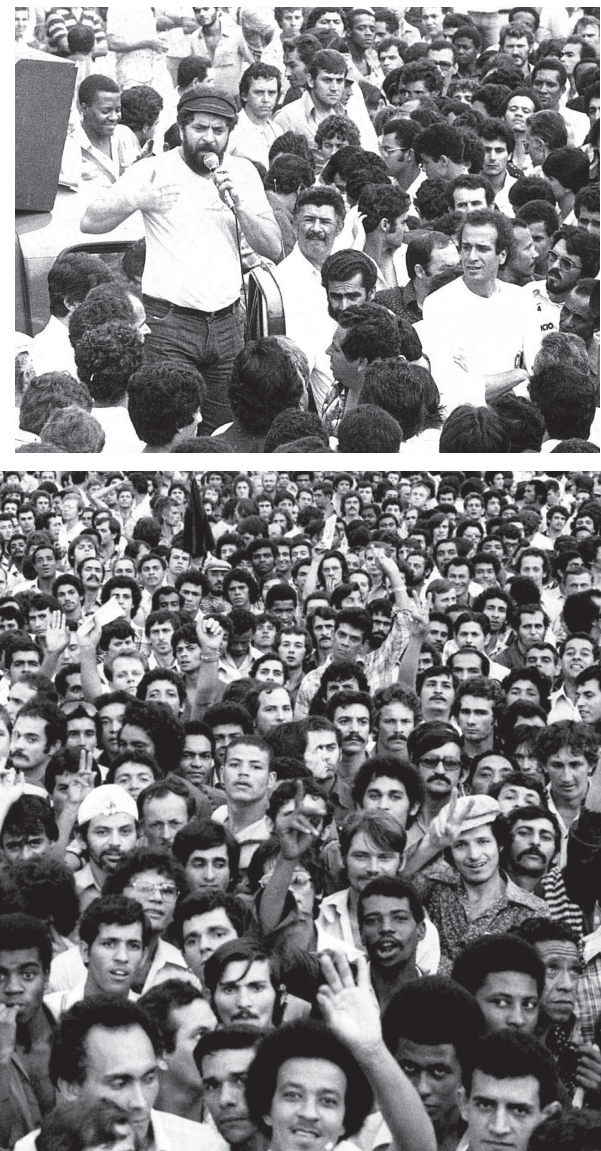
Em 1979, Lula, a principal liderança surgida do ciclo que se abria, fazia a seguinte constatação: “o que está existindo lá no ABC, principalmente em São Bernardo, é uma *massa jovem de trabalhadores*, pessoas que não aceitam esse tipo de exploração, que *querem participar da vida política* do país, que *não viveram o populismo de Getúlio Vargas*” (SILVA, 1981:179). O movimento operário e sindical, que ascende a partir de 1978, é o principal fato político e social do final daquela década, contribuindo, de forma determinante, para a *derrota da ditadura militar*.

O movimento emergido em 1978 colocaria em cena **uma nova classe trabalhadora**, configurada no contexto da ditadura militar e ainda pouco experimentada na luta política e na luta de massas

Para aqueles que se alinhavam à compreensão de que surgia um *novo sindicalismo*, estabeleceu-se o entendimento de que se tratava de algo diferente em termos de organização, luta e padrão de atuação do movimento sindical. Dizia-se mais: tratava-se uma ruptura com o *velho sindicalismo*, muitas vezes denominado de *populista*. Era um recorte, sobretudo, com o sindicalismo constituído no período entre 1945 e 1964. Era, ademais, um modo de se contrapor às correntes sindicais que tiveram grande influência sindical no pré-1964, especialmente às ligadas aos trabalhistas e comunistas, que ainda estavam presentes no movimento sindical no final da década de 1970 disputando com o *novo sindicalismo* a hegemonia no movimento sindical.



A caracterização do *sindicalismo populista* acentuava que a derrota da classe trabalhadora e da esquerda diante do golpe civil-militar de 1964 derivava do caráter *passivo dos trabalhadores* perante o patronato e do *atrelamento de suas organizações ao Estado*. Assim, salientava-se a fragilidade do sindicalismo no pré-1964, o qual estaria preso a uma espécie de “camisa de força”. De um lado, a ação dos trabalhadores estaria submetida a uma *estrutura sindical corporativista* que inviabilizava uma atuação autônoma; e, por outro lado, o populismo político que, utilizando da *demagogia e da manipulação*, teria orientado os trabalhadores e suas organizações para uma *política de colaboração de classes*.



Essa caracterização, contudo, atualmente é relativizada e contestada em muitos aspectos pela historiografia. Ao olharmos e analisarmos a experiência da classe trabalhadora daquele período, inclusive em âmbito sindical, perceberemos que a caracterização acima se mostra problemática e insuficiente. Ao mesmo tempo, muitas lideranças e setores cutistas reconhecem hoje no “*velho sindicalismo*” uma herança importante de lutas e trajetórias, que não podem ser ignoradas, identificando entre o velho e o novo sindicalismo rupturas, mas também continuidades.

No período subsequente, a partir do golpe militar de 1964, desenvolveu-se, por meio do Estado, uma nova política

salarial e trabalhista *que aumentava o grau de exploração sobre a classe trabalhadora assalariada*, estabelecia o fim da estabilidade no emprego, permitindo assim aumentar a margem dos lucros por meio da incorporação de novos trabalhadores com salários menores. O *fim da estabilidade* no setor privado teve também o objetivo de minar a organização sindical, uma vez que muitos de seus dirigentes e representantes tinham na estabilidade uma proteção contra ameaças e demissões. Todas essas condições favoreceram o crescimento econômico entre 1968 a 1974, que atingiu índices de crescimento entre 9% a 10%.

É dentro deste contexto que se desenhara uma *nova configuração da classe trabalhadora*: “A intensificação da introdução de *plantas industriais modernas* e sua *concentração geográfica* (processo que se inicia em fins dos anos 1950) vão possibilitar o surgimento do que se convencionou chamar de “*nova classe operária*”. Ainda que não exclusivamente, serão estes os atores que despontarão mais tarde, *auxiliando na crise final da ditadura militar*.” (SANTANA, 2014: 172).

Entre 1978 e 1979 a classe trabalhadora voltaria, depois de muitos anos e diante do arrocho salarial, a mobilizar-se de forma mais aberta e combativa, iniciando um intenso processo de mobilização que contribuiu na luta pela transição democrática. “O ponto inicial desse ciclo de lutas é a greve na fábrica Saab Scania do Brasil, deflagrada no dia 12 de maio de 1978. É nesse contexto que o “*novo sindicalismo*” emerge na cena política do país chamando a atenção de amplos setores da sociedade, por meio do Sindicato dos Metalúrgicos De São Bernardo do Campo”. (MELLI, COSTA e VISCOVINI, 2013: 07). A disseminação das greves

em 1978, *que não ocorreu somente no ABC paulista, ou tampouco no eixo Rio-São Paulo, mas em todo país*, representava um *enfrentamento* à ditadura e aos capitalistas; e, tal situação, revelou a existência de condições, posturas e táticas diferentes frente à conjuntura no movimento sindical.

É possível identificar, no movimento sindical do final da década de 1970, dois grandes blocos, “de um lado, os chamados *sindicalistas autênticos* reunidos em torno dos sindicalistas metalúrgicos do ABC, agregando sindicalistas de diversas categorias e partes do País, os quais, com os grupos integrantes das chamadas *Oposições Sindicais* compunham o autodenominado *bloco combativo*”, de outro lado “a *Unidade Sindical* que agrupava lideranças tradicionais no interior do movimento sindical, muitos deles vinculados aos setores denominados pelegos, e os militantes de setores da esquerda, tais como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PC do B) e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8). Estes dois blocos seriam as bases de sustentação dos organismos intersindicais de cúpula.” (SANTANA, 1998:21).

O primeiro bloco, sintonizado com o que seria chamado de *novo sindicalismo*, o qual desembocaria na formação da CUT e que se constituiu como importante vertente do Partido dos Trabalhadores (PT), *defendia a mobilização, a organização autônoma dos trabalhadores e o enfrentamento por meio da greve, quando necessário*. Já o segundo bloco “apesar de reconhecer a legitimidade das demandas dos trabalhadores, achavam que o momento político vivido pelo país era muito delicado e a *prioridade da agenda da nação era a garantia da abertura democrática e, portanto, o momento não era de confronto*, o que não significou, por sua vez, que não dessem apoio as lutas



Foto: Vera Jursis



Congresso de fundação da CUT em São Bernardo do Campo. Agosto 1983

operárias” (MELLI, COSTA e VISCONVINI, 2013: 08). Hoje, ao fazermos um balanço das implicações destas diferentes orientações, é razoável afirmarmos que a postura de mobilização aberta e de contestação política, que preponderou, *foi um ponto de apoio fundamental para a derrota da ditadura militar e a transição democrática*. Acumulou forças para organização e consciência da classe trabalhadora, bem como para assegurar importantes direitos sociais e trabalhistas na Constituição Federal de 1988.

A CUT, fundada em 1983, na esteira no do novo sindicalismo, surgiu com o compromisso de lutar pela mudança da estrutura sindical visando conquistar a liberdade e autonomia sindicais, de pautar um sindicalismo classista e combativo, que primasse pela organização nos locais de trabalho, mantendo a autonomia e a independência frente ao Estado e ao patronato. Hoje, passados mais de 40 anos da emergência do *Novo Sindicalismo*, pode-se dizer que muitas conquistas foram obtidas e que importantes avanços na organização da classe foram construídos. Contudo, a superação completa da estrutura sindical corporativista ainda está por ser feita - e se mostra mais difí-

cil do que se previa - e, por outro lado, há lideranças e setores dentro e fora da CUT que rebaixaram os objetivos e o perfil do *Novo Sindicalismo* surgido no final da década de 1970.

Por fim, cabe ressaltar que hoje, o sindicalismo combativo e surgido do Novo Sindicalismo tem um desafio tão grande quanto àquele do final da década de 1970: ajudar derrotar o golpismo e toda a coalizão que levou o bolsonarismo ao governo, cujas medidas se caracterizam por uma sucessão de ataques aos direitos e conquistas da classe trabalhadora, inclusive a sua possibilidade de se organizar e de lutar. Neste sentido, as lutas sindicais e operárias daquele período nos legaram uma lição: *será necessário muita organização, mobilização de massas e uma orientação de confronto político com as classes dominantes com vistas a criar as condições que torne possível às forças populares e democráticas saírem da defensiva e abrirem caminho para um ciclo de profundas transformações em nosso país.* ■

■ ***MARCOS JAKOBY** é professor da rede municipal de Sapucaia do Sul /RS e militante petista.

A CUT, fundada em 1983, na esteira no do novo sindicalismo, surgiu com o **compromisso de lutar pela mudança da estrutura sindical** visando conquistar a liberdade e autonomia sindicais

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FORTES, Alexandre [et al]. *Na luta por direitos: leituras recentes em história social do trabalho*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999

JAKOBY, Marcos André. *A organização sindical dos trabalhadores metalúrgicos de Porto Alegre no período de 1960 a 1964*. Dissertação de Mestrado, UFF. 2008.

MELLI, Ana Paula; COSTA, Hélio da; VISCONVINI, Lenir. *O Novo Sindicalismo e a Fundação da CUT*. Cartilha da CUT, São Paulo. 2013.

MUKANATA, k. *O lugar do movimento operário*. Anais do Encontro Regional da ANPUH/SP. Araraquara, ANPUH/UNESP, 1980.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1980.

SANTANA, Marco Aurélio. O 'Novo' e o 'Velho' sindicalismo: Análise de um debate. In: *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 1998.

SANTANA, Marcos Aurélio. Trabalhadores, sindicatos e regime militar no Brasil. In.: PINHEIRO, Milton (org.) *Ditadura: o que resta da transição*. São Paulo: Boitempo, 2014.

SILVA, L. I. da. (1981). *Lida: entrevistas e discursos*. São Paulo, O Repórter / Núcleo Ampliado de Professores PT/SP.

WEFFORT, Francisco. *Origens do sindicalismo populista no Brasil*. Estudos Cebrap, n. 4, 1973.